

# *Da temeridade à mistificação*

O GLOBO

861

Nº 581

O BLOCO único está dividindo: as escolas da rede pública estadual vão adotá-lo de imediato, por decisão do Conselho Estadual de Educação (CEE), mas as da rede municipal não o farão.

E NÃO surpreende a divergência. O bloco único é a abolição da seriação, entre as classes de alfabetização e a atual 4º série do Primeiro Grau, de modo a ficar excluída, durante todo esse período, a hipótese de reprovação ou repetência. Trata-se, assim, de matéria controvertida, quanto à oportunidade e quanto ao mérito. É o que mostra o peso dos votos em contrário, na decisão tomada pelo CEE: o do presidente do Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, Gílson Puppin; o da representante da Associação de Pais e Alunos, Maria Helena Frota; e o da educadora Maria Lúcia Farah.

NÃO satisfaz como recomendação, alegar que ele é adotado na Suécia, na Holanda, na Alemanha e onde mais seja. O que é bom para esses países não é necessariamente bom para o Brasil e o Rio. Seria mais elucidador e convincente, além de citar o rol de países, mostrar a justificativa, em cada um deles, da prática — do ponto de vista filosófico e do ponto de vista metodológico. Isso, com as diferenças que ela apresenta, aqui e ali, que só ingênuos ou jejunos no assunto não esperarão encontrar.

SE nos ativermos ao já conhecido, a inovação suscitará mais que dúvidas. Ela já foi testada, em dois estados, São Paulo e Minas Gerais; e em escala mais modesta — restrita ao ciclo de alfabetização. Com que resultado? Apenas adiou-se a reprovação; e se mascarou a repetência real.

PORQUE nosso professor trabalha sob a "cultura da repetência". No testemunho da própria secretária estadual de Educação, Maria Yedda Linhares: "Muitas vezes o professor já parte do princípio de que o aluno, por ser preto, pobre e favelado, não tem condições de aprender." Então, qual foi a revolução súbita que se operou na mentalidade do universo dos professores, para que se adote de pronto o bloco único?

DIR-SE-Á que os professores relutantes são exemplos típicos da "cultura da repetência". Mas eles são maioria, segundo a pesquisa realizada para O GLOBO pelo Programa Interuniversitário de Pesquisas de Demandas Sociais (Prodeman): 54% se manifestaram contrários, 22% a favor com reservas e apenas 14% francamente favoráveis. Com quem se vai trabalhar, no bloco único, para se evitar o que se verificou em São Paulo e Minas Gerais?

PROFESSORES capacitados em número suficiente, não se pode

dizer que haja. O treinamento efetivamente realizado foi muito reduzido — em apenas 15 escolas já de bom desempenho, com professores motivados. Mesmo este, contudo, desperta reservas: trabalhou-se, durante quase todo o ano letivo de 1991, sem o grupo de acompanhamento, nomeado só em novembro. Compreende-se a desconfiança de muitos professores dos índices de aprovação nos Cieps, em 1991: 99%, contra 55% nos dois anos imediatamente anteriores. De passagem, registre-se o desempenho paralelo das escolas convencionais: 61% de aprovações em 1989, 60% nos dois anos seguintes.

RESTA ainda um flagrante contrário ao se dar como plenamente capacitados os professores que vão se dedicar ao bloco único: o material que lhes deveria ter sido enviado, para assimilação da nova metodologia e critérios de avaliação, não saiu ainda das gráficas; os poucos exemplares disponíveis só apareceram em dezembro, quando os professores se encontravam de férias.

REVOLUÇÕES em educação são sempre possíveis e desejáveis. Mas jamais será revolução a capacitação do professor por decreto. E, paralelamente, a avaliação do aluno. Dar a temeridade como revolução é dar a educação por mistificação.